

O autor se pergunta sobre a natureza do amor de Jesus por Maria Madalena, sem negar que pode incluir um amor carnal. Este é um tema importante, pouco abordado por se julgado escandaloso. Propriamente, como bem disse Faria, não há porquê considerar o amor carnal sujo ou pecaminoso e indigno de Nosso Salvador, ainda que tampouco possamos afirmar que seu amor por Madalena incluía intimidade carnal. Isto poderia abrir toda uma discussão sobre a sexualidade do grupo de jovens que andavam com Jesus, tema que não pretende colocar em pauta. Os “apócrifos” discutidos provêm de uma comunidade monástica do deserto egípcio, onde começou o movimento monástico cristão, pelo menos o masculino, com os mestres Antonio e Pacômio, no século IV. Sua disciplina incluía total abstinência sexual e uma severa limitação na comida. Mas é isto uma continuação da prática dos discípulos de Jesus? Não sabemos. O silêncio dos evangelhos a respeito da sexualidade dos discípulos muito provocante, e haveria que perguntar seriamente como interpretá-lo... Mas não estamos desviando do que discutimos.

Este livro está dirigido aos leigos e especialmente leigas que buscam fortalecer a sua fé com um conhecimento maior das personagens Pedro e Maria Madalena. Os estudiosos se sentiriam frustrados pela escassa discussão de temas com a origem dos textos e como chegaram ao Egito e por que ficaram enterrados no deserto. As comunidades monásticas da região parecem ter desaparecido no final do século IV, sem que haja mostras de violência humana ou natural (ataques, incêndios ou terremotos). O que isto significa? Faria não o discute. A tradição ascética cristã, que não tem paralelo no judaísmo rabínico da época, nem posterior, alcançou uma enorme influência na Igreja. Onde e quando tem sua origem? São perguntas importantes que o autor não discute porque não entram em sua concepção de valor pastoral para esta obra.

Alguém se questiona se apócrifo é um termo útil para toda esta literatura. Nem o Evangelho de Maria, nem o de Bartolomeu têm aspectos de evangelhos, se considerarmos este gênero pelos evangelhos canônicos. Ambos, com suas revelações têm aspectos fortes de apocalipses, mas tampouco correspondem a este gênero. E se não são propriamente “evangelhos” rechaçados no processo de canonização, não devíamos chamá-los de apócrifos? Foi a carta pastoral do bispo Atanásio de Alexandria, no Egito, no ano 367 E.C., a que definiu para sua região os escritos apostólicos aceitáveis, justamente nos últimos anos da comunidade monástica de Nag Hammadi. Tem algo a ver a duas coisas? Como Faria não sente a necessidade de definir seu o termo “apócrifo” não tem que colocar pergunta, que pare este leitor parece fundamental.

Tudo isto indica que Frei Jacir, com suas investigações pastorais, está levantando perguntas que serão importantes para crentes comuns e para estudiosos por muitos anos. A ele devemos agradecer este serviço.

Jorge Pixley
Professor emérito, Seminário Baupista de Nicarágua
Cleremont, Califórnia, USA

FARIA, Jacir de Freitas. *As origens apócrifas do Cristianismo: Comentário aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé*. São Paulo: Paulinas, 2003.

Jacir de Freitas Faria, biblista, apresenta neste seu livro, o resultado de um estudo das origens do cristianismo a partir dos evangelhos apócrifos e de sua relação com os canônicos. As várias tradições apócrifas sobre a vida de Maria, José e a infância de Jesus são amalhadas em um único relato. Outra personagem que recebe um destaque especial é Maria Madalena. Prostituta ou mulher amada por Jesus? É o que procura responder o autor, ao comentar o evangelho de Maria Madalena.

Ainda na perspectiva da leitura de gênero, o livro amplia a discussão, aprofundando o papel da mulher do início do cristianismo. E pergunta: Qual é a influência dos grupos gnósticos sobre os evangelhos de Maria Madalena e Tomé? É possível falar do cristianismo a partir dos evangelhos apócrifos? No ensaio, o evangelho de Tomé é interpretado de modo crítico e na perspectiva da ação libertadora de Jesus diante do império romano.

O primeiro capítulo abre as portas das origens apócrifas do cristianismo. Nele são analisados os “cristianismos” de origem, seja os que se solidificaram nos evangelhos canônicos e Atos dos Apóstolos, seja os que não foram considerados oficiais pelo grupo eclesial hegemônico, quando da seleção dos escritos que fariam parte da lista dos livros inspirados. O gnosticismo e seus textos são estudados com o intuito de perceber a possível influência deles nos escritos sobre Jesus e seus seguidores. Também é revisto o significado do substantivo apócrifo. Por fim, apresenta-se uma lista de Evangelhos, Atos, Epístolas e Apocalipses apócrifos que não entraram no Segundo Testamento.

O segundo capítulo alarga o primeiro, situando a literatura apócrifa na pesquisa bíblica atual. Procura demonstrar os motivos do surgimento dos apócrifos, bem como seu valor e importância para o cristianismo de origem. O surgimento dos escritos apócrifos do Segundo Testamento se deveu, dentre outros motivos, ao desejo de ampliar as informações sobre a pessoa de Jesus, Maria e José, bem como o de fazer valer a diversidade de pensamento que existia no início do cristianismo. Muitos textos contêm exageros da piedade popular. É o que procura mostrar o autor nos textos analisados posteriormente, sobretudo aqueles sobre a infância de Jesus.

O terceiro capítulo trata de modo específico sobre a personagem Maria Madalena, as vozes da tradição sobre ela e a sua relação afetiva com Jesus. Maria Madalena, conforme o testemunho dos evangelhos canônicos e apócrifos não era prostituta. A ligação errônea das passagens evangélicas que falam de Maria Madalena com a prostituta que ungiu os pés de Jesus (Lc 7,36-50) fez dela uma prostituta. Os apócrifos, sobretudo os evangelhos de Maria Madalena e Filipe, procuram mostrar que Madalena era um modelo de gnóstica, apóstola de Jesus e sua companheira. Esse amor entre Jesus e Madalena relatado no livro, é também compreendido na releitura do amor poético, misto de paixão e ressurreição, em Jo 20,1-18 e Ct 3,1-5.

O evangelho de Maria Madalena é comentado passo a passo, sendo demonstrado o seu valor na perspectiva de uma espiritualidade integrada, na busca da harmonia in-

terior, na discussão sobre o pecado e nos conflitos entre Maria Madalena e os apóstolos, sobretudo Pedro e André, representantes do poder eclesial hegemônico.

O quarto capítulo é um comentário ao evangelho de Tomé em relação ao evangelho de João, e as parábolas de Marcos Mateus e Lucas. Jesus é visto como místico e revolucionário.

O quinto capítulo apresenta, de modo sistemático, a vida de Maria, a mãe de Jesus, segundo os apócrifos. O autor procura mostrar como as tradições religiosas em relação à Maria, guardadas na memória popular e em dogmas de fé, têm suas origens nos apócrifos. A "outra Maria", segundo o autor, exercia liderança entre os primeiros cristãos. Vista como a "senhora dos apóstolos", recebeu de Jesus o encargo de anunciar a sua ressurreição e convocá-los para uma assembléia. Segundo os apócrifos, foi Maria quem viu e conversou com Jesus ressuscitado, no sepulcro.

O sexto capítulo apresenta o personagem José, esposo de Maria, nos evangelhos apócrifos. Mostra como a piedade popular transmitiu dados sobre a sua vida. Ele era um idoso e viúvo, quando se casou com Maria, também pai de seis filhos.

O sétimo capítulo fala sobre a infância de Jesus. Com exageros e sem escrúpulos, Jesus é apresentado como uma criança que pune de morte, ressuscita, brinca com crianças, desobedece aos pais. São histórias mescladas de fantasias e humor para enaltecer a divindade de Jesus desde sua tenra idade.

Uma das conclusões do autor é que os apócrifos precisam ser redescobertos pelas nossas comunidades, pois eles trazem dados preciosos da origem de nossa fé.

Por muito tempo, os cristãos utilizaram esses textos em suas comunidades. Apesar de serem escritos considerados "não autorizados", os apócrifos tem muito a nos dizer sobre as origens do cristianismo. Os evangelhos canônicos, com certeza, saem enriquecidos com os dados de fé conservados pelos apócrifos. O leitor e a leitora de *As origens apócrifas do cristianismo* é convidado a fazer uma viagem emocionante no túnel do tempo e, numa postura ecumênica, dialogar de modo crítico, com esses textos de origem, enriquecendo e muito, a sua leitura na ótica de gênero.

Salime Maria Couto